

EDGARD PATRÍCIO

**'PARTO DOS ANJOS':
TRANSFORMAÇÕES
NARRATIVAS NA PRODUÇÃO
DO JORNALISMO IMPRESSO**

*'PARTO DOS ANJOS': TRANSFORMACIONES
NARRATIVAS EN LA PRODUCCIÓN DE LA
PRENSA ESCRITA*

*'PARTO DOS ANJOS': NARRATIVE
TRANSFORMATIONS IN THE PRODUCTION
OF PRINT JOURNALISM*

Edgard Patrício: Jornalista, mestre e doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Tecnologia de Processamento de Dados pela mesma Universidade. Professor Adjunto do Curso de Jornalismo/Instituto de Cultura e Arte da UFC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC.

ISSN (2236-8000)

cultura e mídia

RESUMO

Observa-se uma crescente ‘subjativação’ da produção jornalística. A certeza sobre a pretensa objetividade do Jornalismo é posta em dúvida. Aqui, analisamos a série de reportagens Parto dos Anjos, veiculada pelo jornal Diário do Nordeste, de Fortaleza, e produzida sob esse novo enfoque. Nas três reportagens, é abordada a realidade da mortalidade infantil no sertão cearense. Que características emergem do ‘novo texto jornalístico’? Que elementos narrativos podem ser observados na série de reportagens? Para a análise, incorporamos o conceito de narrativa contemporânea (MEDINA, 2014), e agregamos a análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013), caracterização da ação dos personagens (PROPP, 2001; BRAIT, 2006) e subjativação da escrita (ONG, 1998). Embora a subjativação esteja presente na análise do ‘novo’ texto jornalístico, ‘velhas’ posturas permanecem enquanto relacionamento com as fontes.

PALAVRAS-CHAVES: narrativa; jornalismo; subjativação.

RESUMEN

Si observa una ‘subjatividad’ creciente de la producción periodística. Certeza acerca de la supuesta objetividad del periodismo está en duda. A continuación, se analiza la serie de informes Parto dos Anjos, realizada por el periódico Diário do Nordeste, de Fortaleza, y producido bajo este nuevo enfoque. En los tres informes, se dirigió a la realidad de la mortalidad infantil en sertón de Ceará. ¿Qué características emergen del ‘nuevo texto periodístico’? Que los elementos de narrativas pueden verse en la serie de informes? Para el análisis, incorporamos el concepto de narrativa contemporánea (MEDINA, 2014), y el análisis crítico agregado de la narrativa (MOTTA, 2013), la caracterización de la acción de los personajes (PROPP, 2001; BRAIT, 2006) y la subjatividad de la escritura (ONG, 1998). A pesar de que la subjatividad está presente en el análisis de la ‘nueva’ texto de la noticia, ‘viejos’ posiciones se mantienen en las relaciones con las fuentes.

PALABRAS-CHAVES: narrativa; el periodismo; subjatividad.

ABSTRACT

There is a growing ‘subjectification’ of journalistic production. The certainty about the alleged objectivity of Journalism is questioned. Here, we analyze the series of reports Parto dos Anjos, published by the newspaper Diário do Nordeste, from Fortaleza, and produced under this new approach. In the three reports, the reality of infant mortality in the rural area of Ceará is addressed. What characteristics emerge from the ‘new journalistic text’? What narrative elements can be seen in the series of reports? For the analysis, we incorporate the concept of contemporary narrative (MEDINA, 2014), and we add the critical analysis of the narrative (MOTTA, 2013), characterization of the characters’ action (PROPP, 2001, BRAIT, 1998). Although subjectivation is present in the analysis of the ‘new’ journalistic text, ‘old’ stances remain as a relationship with sources.

KEYWORDS: narrative; journalism; subjectivity.

1. O COMEÇO DE UMA 'PROSA'

Somos todos jornalistas?! Não é à toa que começamos essa 'prosa' com uma expressão calcada em sinais de interrogação e exclamação. A interrogação tenta dar conta das incertezas e dos questionamentos que rondam a produção jornalística no momento em que se estabelece uma participação mais efetiva dos cidadãos na definição do conteúdo jornalístico. Batizado ora de 'jornalismo cidadão', ora de 'jornalismo cívico' ou mesmo de 'jornalismo colaborativo', esse outro ambiente recebe a colaboração das tecnologias da comunicação para efetivar-se.

O trânsito tá engarrafado? '– Manda a informação para a redação do nosso jornal matinal que avisamos a todos os motoristas da situação'. A cratera da rua completou um ano? '– Envia a foto do bolo de aniversário que colocamos em destaque na seção 'Com a boca no trombone'. Foi vítima de um assalto praticado por um adolescente? '– Amarra o 'safado' por aí que a gente manda uma equipe pra mostrar a cara dele pra todo mundo – mesmo que ele seja solto pela polícia, como acontece de costume, todo mundo vai se prevenir, pois já conhece a 'peça'. O juiz foi flagrado dirigindo alcoolizado, e vocês filmaram a 'cena' que ele fez ao se recusar a fazer o teste do bafômetro? '– Peraí, pessoal... Aí precisamos discutir a relação. Tem certeza que o homem era juiz? E que tava alcoolizado? Num eram vocês que beberam uma coisinha a mais e viram mais do que deviam?'

No entanto, esses mesmos consumidores das informações, dessas mesmas empresas jornalísticas, tomaram gosto pela coisa, pela abertura à 'participação'. E passaram, eles mesmos, a produzirem seus próprios informes da realidade. Mas sob outras perspectivas. Novamente a tecnologia, e agora calcada em elementos de mobilidade, utilizando como meio a internet e como veículo as redes sociais, facilitou o processo. Não tinha manifestação, não tinha protesto, não tinha um cartaz em punho que não merecesse o olhar atento do 'midialivrisimo', como ficou mais conhecido esse movimento. Aí vem a exclamação! Os 'informes' produzidos pelo movimento midialivrista incorporam o 'espanto' que essa realidade causa. E não deixam de qualificar as situações retratadas. A subjetivação da informação é facilitada pelo processo, muitas vezes realizado com cobertura e transmissão ao vivo, pelas redes sociais. E, anterior a isso, pela própria motivação das coberturas, que mostram, em muitos casos, a negação de direitos fundamentais da população. As manifestações de junho de 2013, aqui no Brasil, representam um momento nessa cobertura, quando o aumento de passagens nos sistemas de transporte público foi contestado. Depois, outras pautas foram incorporadas, havendo destaque para os protestos contra a corrupção, na esteira da divulgação do desvio ilícito de dinheiro público na Petrobrás.

Uma característica que acompanhou o midialivrisimo é que muitos estudantes e profissionais do jornalismo viram, nessa ocasião, a possibilidade de 'experimentar' novos procedimentos de cobertura e novos parâmetros de produção do material 'jornalístico'. E, de quebra, dá um chega pra lá nas estruturas carcomidas da relação entre empresas jornalísticas e profissionais. Grupos como o Mídia Ninja, Jornalistas Livres, Agência Pública e Nigéria foram formados. E se incorporaram a grupos anteriores, com atuação regional e nacional, como a Agência de Notícias

dos Direitos da Infância – Andi, o Catavento – Comunicação e Educação e Viração Educomunicação, que já propunham, se não uma reorientação da cobertura jornalística estrita, mas uma abordagem diferenciada da produção da comunicação, enfatizando o processo comunicativo como um direito humano.

Frente à repercussão do midialivrisimo, elementos de orientação dessa outra cobertura são incorporados às produções jornalísticas das grandes empresas. Não que alguns desses elementos já não estivessem presentes em suas coberturas, mas estavam restritos a espaços delimitados e específicos. Os programas policiais das TVs são um exemplo, que incorporaram, já na década de 1980, a priorização da cobertura ao vivo das pautas, acompanhada da correria de cinegrafistas e respiração ofegante do repórter. A ancoragem dos telejornais também já havia inaugurado uma participação mais subjetivada dos jornalistas no processo de veiculação das produções. A novidade, agora, é que esses elementos são disseminados ao longo dos produtos jornalísticos, sem diferenciação de horário e público. Comentários complementares à pauta, diálogos descontraídos entre apresentadores e novas abordagens textuais dão conta de outra 'postura jornalística'.

Frente à situação, reapareceram os debates sobre a pretensa objetividade no jornalismo¹. Em que medida essas produções eram 'jornalísticas'? Qual a fronteira entre relatos livres e relatos jornalísticos da realidade? Estaríamos diante da quebra de princípios históricos da fundamentação jornalística, pelo menos dos modelos hegemonicamente vigentes?

2. A CONTEMPORANEIDADE NARRATIVA NO JORNALISMO

Talvez sejamos todos 'narradores'! É essa afirmação que está na base da argumentação de Motta (2013), ao justificar o interesse pelo estudo da narrativa. "Somos seres narrativos, narradores natos, atores, personagens e ouvintes de nossas próprias narrativas", é o que afirma ele (p. 17). Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida (p. 18). E a base dessas narrativas seriam os acontecimentos, pois estes "se constituem à medida em que nós falamos sobre eles" (p. 50). A relação entre narrativa e acontecimento abre, assim, a possibilidade de uma narrativa jornalística, pois que o acontecimento, ou o fato, está na base da matéria do jornalismo.

Ao longo de sua evolução, o jornalismo veio definindo quais seriam os fundamentos, princípios e pressupostos que tomaria para si. Essa construção histórica esteve alicerçada, muitas vezes, em demandas relacionadas à estruturação produtiva das empresas jornalísticas, como foi o caso da adoção das técnicas da pirâmide invertida e do próprio lead no processo de construção de sua estrutura argumentativa e de sua linguagem.

Esses elementos foram tomando forma e sendo reconhecidos naquilo que Medina (2014) denomina como velho paradigma do jornalismo, ou técnicas ortodoxas da produção jornalística.

A fórmula de pirâmide invertida e a arbitrária (autoritária) seleção

¹ Em outros momentos, e por outros movimentos, o debate sobre objetividade X subjetividade na produção do jornalismo já se fez ouvir. Para ficar em dois exemplos representativos, citemos o New Journalism, que estabeleceu a discussão nos Estados Unidos da década de 1960 (WOLFE, 2005), instaurando o diálogo sobre a participação do repórter na narrativa; e, bem antes, a vinculação radical entre produção do jornalismo e a rua, emblemática na atuação de João do Rio, nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro (SALGADO, 2006), que referencia a discussão da aproximação entre jornalismo e literatura a partir da crônica. Estudos recentes também apontam para uma retomada dessa discussão (MARTINS, 2016), influenciada pela ascensão do jornalismo independente em plataformas digitais (PATRÍCIO; BATISTA, 2017).

de fatos mais importantes e menos importantes; o esquematismo do lide sumário, abertura de narrativa jornalística que responde à fórmula quem, o quê, quando, como, por quê?; a entrevista pergunta-resposta que colhe apenas informações do mundo das ideias; o narrador de terceira pessoa que se traveste de imparcialidade e objetividade. (MEDINA, 2014, p. 118 e 119).

É contra a orientação positivista-racional que se insurge Medina (2014). E o faz contrastando com a dinâmica das ruas, ambiente por excelência da produção do material jornalístico. A rua seria um espaço incompatível para ser reconhecido enquanto dicotomia racionalidade/irracionalidade. Do trabalho jornalístico que tenta “resgatar os perfis dos protagonistas sociais, sobretudo aqueles que ainda não se consagraram como vedetes”, sobressai uma “esfera que transcende a dicotomia racional/irracional: o universo fluido e misterioso da não racionalidade” (p. 42 e 43).

Quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se borram. O método do questionário em uma entrevista, com a pré-pauta estabelecida e os resultados previsíveis, cai por terra na interação humana criadora de um encontro sem cartas marcadas. Também a crença de um rigor profissional que chegue à fidelidade objetivista, em última instância a uma única verdade, só persiste em atitudes arrogantes. (MEDINA, 2014, p. 43).

E seria fácil a identificação das ‘parelhas’ que representariam o velho paradigma no jornalismo. Inicialmente, a instituição da dualidade sujeito-objeto, representada pelo relacionamento que o jornalista estabelece com suas fontes. Daí o destaque evidenciado por Medina quanto à arrogância objetivista. O que espelha, por sua vez, o mesmo paradigma das ciências, quando nomeiam o ‘objeto’ de suas pesquisas. Ao invés disso, a necessidade de se estabelecer a relação sujeito-sujeito, a única capaz de compreender as dinâmicas das ruas. Essa seria a mesma ideologia orientada para a compreensão dos fatos numa relação única de causa e efeito. Ao invés disso, a necessidade de se perseguir a intercausalidade.

(...) do pensar que o universo é sólido, deslizamos para a noção de universo poroso, redemoinho ou enxaminoso; da concepção de massa destrutível ou indestrutível, compreende-se a massa em transformação; do conceito de certo e errado, percebe-se que os dados da realidade não estão assim hierarquizados e sim, dentro da noção de encaixe e sustentação no todo. Em síntese, encarar o mundo e seus movimentos não de forma reducionista, mas de modo complexo constitui a visão de mundo que atravessa a epistemologia contemporânea. (MEDINA, 2014, p. 127).

Ainda para Medina (2014), a insistência nas parelhas dicotômicas acabaria por estabelecer um padrão de jornalismo imune às contradições, à pluralidade de vozes e sentidos, ou a uma possível interpretação do fato. O que a faz sentir saudades da prosa ficcional, na qual, mais que no jornalismo atual, os escritores incluem “a fala viva do povo representado nos seus personagens” (p. 118).

Para contrapor ao velho paradigma do jornalismo, Medina (2014) sustenta a possibilidade de uma 'narrativa contemporânea'. Nela, o autor-jornalista "abandona a pretensão arrogante de dono da verdade e desliza, humildemente, no pântano anônimo do cotidiano incerto e não sabido" (p. 48). As fontes se transformam em parceiros de aventura, estabelecendo-se uma relação sujeito-sujeito. Como a busca da intercausalidade seria outro direcionamento a ser perseguido, o imaginário do bandido e do mocinho não mais se sustentaria, pois a simples compreensão da realidade como um dualismo entre o certo e o errado seria outra proposição falha.

A ênfase que Medina (2014) empresta à relação jornalista-fonte é justificável na medida em que podemos pressentir seus efeitos no produto final da narrativa jornalística. Um encontro que necessita se fazer transformador.

O jornalista que apenas *divulga* não participa da esfericidade do *signo da relação*, não compreende a dimensão humana na plenitude do encontro sujeito-sujeito. O Outro não passa de uma *fonte de informação*, objeto indistinto da rotina profissional. Por sua vez, esse *objeto* assim tratado apenas declara o conveniente e aparente, oferece a público a informação permitida pela razão instrumental. Nem repórter nem fonte se alteram: cumprem o papel da inércia difusionista. Por outro lado, quando o jornalista se aproxima curioso do outro sujeito, permeável à incerteza, se flagra desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas. Não sabe, ensaia compreender. Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram. (grifos da autora) (MEDINA, 2014, p. 76 e 77).

E essa nova percepção está na base da 'arte de tecer o presente' (MEDINA, 2014: p. 75), princípio fundante do jornalismo e de sua outra narrativa. Reportar os movimentos da cidadania, perceber o protagonismo dos sujeitos, o contexto coletivo em que estão inseridos, as raízes histórico-culturais que os particularizam, sondar os diagnósticos-prognósticos daqueles que pesquisam saídas para os impasses da condição humana. Nesse caso, com uma aproximação tão evidente, e proposital, entre os sujeitos da narrativa, o que ainda falar da objetividade jornalística?

Exatamente por trabalhar na perspectiva do signo da relação, é que Medina (2014) defende a substituição da objetividade pela 'fidelidade'. Ao mesmo tempo, já temendo reações 'objetivistas' à proposta, estabelece os princípios de acompanhamento e medição desse grau de fidelidade da narrativa jornalística. Narrativas que passam "à prova da exigência do direito de resposta, da contestação pessoal ou pública, confirmam que tal autoria não trai o Outro; pelo contrário, acrescenta à relação EU-TU mais do que um vínculo momentâneo" (p. 75), e confere grau de fidelidade à produção jornalística.

De uma maneira sistematizadora, Medina (2014) estabelece as bases da narrativa contemporânea, aplicável à narrativa jornalística. Oferece os pressupostos da transformação das mentalidades, da simplificação explicativa para a complexidade compreensiva. Em suma, 1) da noção de causa e efeito, passamos à noção de intercausalidade; 2) da noção de sujeito

e objeto, passamos à noção de sujeitos intercondicionantes; 3) da noção de universo sólido, passamos à noção de universo poroso, como um enxame, um redemoinho; 4) da noção de massa destrutível ou massa indestrutível, passamos à noção de que a massa está em transformação; 5) da noção de substância e acidente, passamos à noção de relação complexa; e 6) da noção de que existe o ser da matéria e existe sua atividade, passamos à noção de que o ser da matéria e sua atividade não podem ser separados – constituem aspectos diferentes da mesma realidade. (p. 117 e 118)

O que, na produção do material jornalístico, significa esse conjunto de percepções trazidas pela narrativa contemporânea? Durante o primeiro semestre de 2015, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, organizamos uma mesa redonda com três jornalistas, de diferentes veículos de comunicação. A proposta foi de discutir a temática ‘jornalismo investigativo’. Uma das produções que foram apresentadas, como iniciativas de orientação para o jornalismo investigativo, foi a série de reportagens produzidas pelo repórter Melquíades Júnior, do jornal Diário do

Nordeste. A série foi nominada de ‘Parto dos Anjos’, e tratava da mortalidade infantil na região semiárida do Ceará. Uma série de três reportagens. Um das características centrais da série, e de seu processo de produção, explicitada pelo próprio Melquíades, em sua apresentação, foi a tentativa de desenvolver um novo relacionamento com suas fontes, orientação que vem seguindo em mais de dez anos de profissão.

Que relacionamento é construído? Na perspectiva da proximidade, da convivência, do acompanhamento dos desdobramentos mesmo após as matérias terem sido veiculadas. Nesse sentido, seus propósitos se aproximam das proposições de Medina (2014) em torno da narrativa contemporânea no jornalismo. Foi a partir dessa aproximação que tomamos os textos de Melquíades como material de análise desse artigo. Em que medida a orientação para a produção de um material, na perspectiva da narrativa contemporânea, repercute na linguagem jornalística? Se a narrativa contemporânea trabalha uma qualificação da relação entre jornalista e fonte, poderia se esperar uma consequente subjetivação dessa linguagem? Que elementos explicitam essa subjetivação? E, por outro lado, que elementos dos princípios do jornalismo clássico seriam ‘respeitados’ pela narrativa subjetivada da narrativa contemporânea do jornalismo?

3. A NARRATIVA JORNALÍSTICA CONTEMPORÂNEA

É possível sermos narradores contemporâneos e jornalistas ao mesmo tempo? Propp (2001) já indicava a importância da participação do narrador no desenrolar das narrativas. “A psicologia do narrador, a psicologia de sua produção como parte de uma psicologia geral da criação deve ser estudada à parte” (p. 62), era o que dizia. Mas ele também identificava que a estrutura da narrativa também poderia limitar a atuação subjetiva do narrador. Devido a isso, em situações específicas do desenvolvimento das narrativas, o narrador não seria livre. Já em outras situações, a liberdade seria extrema. Por exemplo, o “narrador é completamente livre na escolha da nomenclatura e dos atributos dos personagens. Teoricamente, a liberdade aqui é absoluta” (p. 63). Também seria livre para escolher os meios que lhe oferece a língua. “As palavras estão constantemente se movimentando, mas pelo voo, que

constitui uma forma impressionante de movimento e que liberta o voador, elevando-o acima do mundo comum, grosseiro, pesado, 'objetivo'" (ONG, 1998, p. 91). O que pressupõe a mutabilidade da percepção do personagem, "não como um domínio exclusivo da literatura, mas como pertencente a qualquer sistema semiótico" e que "divergem de sociedade para sociedade e de época para época". (BRAIT, 2006, p. 45)

Poderíamos fazer um paralelo entre fontes e personagens, no âmbito da narrativa contemporânea no jornalismo? Motta (2013) utiliza um exemplo de uma matéria jornalística envolvendo o político Antônio Carlos Magalhães (ACM) pra dizer que sim. Como nenhuma história pode ser contada na íntegra,

(...) o discurso não traduz a realidade, conta a realidade, uma versão da realidade, e os sujeitos do relato são sujeitos do discurso. Na análise, portanto, o político ACM é personagem, uma categoria da narrativa, e desempenha determinado papel no drama noticiado porque os repórteres assim relataram" (MOTTA, 2013. p. 191).

Então, nossas indagações, a partir da análise das reportagens da série Parto dos Anjos, serão: que elementos da linguagem indicam processos de subjetivação do jornalismo, contrastados para além do objetivismo do paradigma clássico? Que elementos explicitam outra relação entre o jornalista e a fonte, a partir de um signo de relação? E que repercussões ambos esses elementos trazem para uma compreensão do paradigma clássico do jornalismo?

3.1 ELEMENTOS INICIAIS

A série de reportagens 'Parto dos Anjos' (JÚNIOR, 2014) foi veiculada pelo jornal Diário do Nordeste no período de 26 a 28 de novembro de 2014. Cada uma das reportagens da série foi veiculada em um caderno especial de quatro páginas, no tamanho original do jornal, o *standard*. A primeira reportagem narra a história de Dilce, que perdeu sua filha recém-nascida cinco minutos depois do parto, e o périplo que fez até conseguir atendimento médico. Essa é a primeira parte dessa reportagem, em duas páginas. Na terceira página, são trazidos números em texto e infográfico que espelham a situação da mortalidade infantil no Brasil, no Nordeste brasileiro e no Ceará. Na quarta página, um texto mais autoral, mais opinativo. A segunda reportagem segue o mesmo padrão das duas primeiras. Perfil, dados objetivos. Na terceira reportagem, as três primeiras páginas quando sobressaem dados mais objetivos e a quarta página com poucos dados e mais perfis.

Para efeito de análise, recorreremos apenas à primeira reportagem. Dois fatores nos levaram a essa decisão. O primeiro, a percepção de que não há uma variabilidade na construção do conjunto das três reportagens, do ponto de vista da orientação jornalística, o que, consequentemente, diminui as chances de uma variabilidade em relação à estrutura, estilo e direcionamento do texto; o segundo fator, o pouco espaço disponível nesse artigo para cobrir as três reportagens, o que poderia levar a uma análise superficial do material jornalístico selecionado. No entanto, estamos

cientes de que algumas lacunas podem ser verificadas nessa análise a partir dessa opção metodológica.

Apenas de maneira didática separamos as características de análise do texto. Muitas vezes, os trechos destacados do texto jornalístico poderiam assumir mais de uma função nessa caracterização. Preferimos qualificá-lo a partir da característica que entendemos ser mais destacada para aquela determinada situação. Quase todas essas características, pinçadas aqui, foram recolhidas nas duas primeiras páginas da primeira reportagem.

3.2 A SUBJETIVAÇÃO DA LINGUAGEM

Destacamos duas possibilidades que acomodam a orientação de subjetivação do texto jornalístico, em contraposição ao objetivismo do paradigma clássico. Na primeira delas, de uma forma mais extremada, o jornalista-narrador se insere, enquanto participante, da própria narrativa. Na segunda possibilidade, de uma forma mais amena, ele se contenta em qualificar a ação que narra.

3.2.1 O jornalista-narrador se coloca na narrativa

Em relação a essa percepção, é interessante notar que a inserção do jornalista-narrador na narrativa acontece de maneira até certo ponto inusitada. Quando, por exemplo, em se tratando de um repórter do sexo masculino, dá seu testemunho em relação às dores do parto. Talvez a vivência de situações tão extremas tenha tornado possível sua forma de expressão, ou o próprio convívio intenso com as fontes, seus personagens. Assim, testemunha que as “dores do parto doem menos quando nasce um anjo. Porque a dor após dar à luz é tão intensa que as contrações uterinas soariam cócegas”. Ou, em seguida, quando constata que a realidade “só aumenta as dores de Dilce”. Outra maneira do jornalista-narrador se inserir na narrativa é a construção da narração em primeira pessoa, “(...) tentando nos aproximar das singularidades que envolvem a dor do parto e a dor do partir (...)”. Uma última possibilidade percebida no texto, da inserção do jornalista-narrador na narrativa, se concretiza quando transporta sua experiência vivencial para dentro da narrativa, interpretando a situação narrada, “Foi como quem solta um balão no céu em melancólica viagem”.

3.2.2 O jornalista-narrador qualifica a ação

Talvez a maneira mais corriqueira de se perceber a subjetivação da linguagem no texto jornalístico seja a qualificação do personagem, contexto ou ação narrada. Uma das consequências dessa qualificação é que ela pode carregar consigo um caráter polissêmico e/ou polifônico da informação, indicando que a qualificação está imersa no conjunto de vozes que acompanha sua construção. Exatamente em razão dessa polissemia e/ou polifonia, um dos resultados possíveis é a ambiguidade na interpretação da informação. Assim, quando o jornalista-narrador exprime que a “distância entre tempo e destino foi tão curta (...)” não é possível identificar, num primeiro momento, de onde parte essa qualificação. Se do próprio

jornalista-narrador, se da própria fonte ou se de um conjunto de vozes que, quando agregadas, possibilitaram se chegar a esse denominador comum. Diferentemente quando a construção textual, como em “Aguenta as dores calada”, denota, claramente, que a qualificação partiu do jornalista-narrador. Em outras ocasiões, a qualificação serve para simplesmente ‘intensificar’ a ideia que se quer passar, não influenciando diretamente no conteúdo da informação, como em “Uma lacuna pulsante, seja nas orações ao ‘santo anjo do Senhor’, antes de dormir, com a mão que ainda teima em pousar no ventre, ou quando lava louça na cozinha e para porque ouviu uma criança dizendo, chorosa, ‘mãe’”. Note-se que, aqui, o jornalista-narrador se insere mais uma vez na narração, demonstrando a dupla caracterização da passagem – não é provável que ele tenha acompanhado a mãe quando do momento de dormir, para perceber que ela “ainda teima em pousar” a mão no ventre. A menos que esse momento tenha sido dito pela própria mãe em declaração ao jornalista-narrador. De qualquer forma, se isso aconteceu, a construção textual pode sugerir mais ambiguidade, e, nesse caso, até mesmo problemas na credibilidade da narrativa.

3.3 O SIGNO DE RELAÇÃO COM AS FONTES

Talvez a característica mais marcante na definição de Medina (2014) sobre a narrativa contemporânea no jornalismo seja o processo de relacionamento do jornalista-narrador com suas fontes. Se tomarmos os relatos das fontes como substrato básico de produção do material jornalístico, delinea-se essa importância. E é flagrante como essa relação, para além da aproximação jornalista-narrador-fonte, repercute, também, na própria relação do jornalista-narrador-texto-leitor da narrativa. Uma possibilidade é quando o jornalista-narrador nos carrega para uma vivência solidária de suas percepções, como transparece no momento em que ele explicita que “somos surpreendidos com a sequência de óbitos em poucos dias numa mesma região, a do Sertão Central”. Ou quando o jornalista-narrador faz um movimento de tamanha proximidade com a fonte que chega a ‘sentir seu sentimento’. “Tem vontade de colocá-la mais uma vez no colo e oferecer o peito. Nem que seja para depois abrir asas e seguir o caminho de volta para o céu.”

O convívio em profundidade com determinadas fontes pode gerar deturpações na relação com outras fontes? Percebemos alguns elementos textuais significativos que podem apontar, ainda, uma tendência de apropriação das fontes na relação clássica da divisão dos personagens da narrativa, ora como mocinhos, ora como bandidos. De um lado, as mães, que sofrem a situação de terem perdido seus filhos, e personagens que lhe ajudaram nessa travessia. Do outro, personagens que pretensamente contribuíram, de forma negativa, para que essa situação tivesse um desfecho trágico. Assim quando o jornalista-narrador introduz na narrativa o motorista da ambulância: “Virgem Maria, uma gestante. É indisfarçável a cara de lamentação do motorista da ambulância que leva Franceliza Silveira, a Dilce (...)”. Mas é apenas seis parágrafos depois que vamos encontrar uma explicação para a surpresa do motorista, que a princípio poderia ser tomada como uma indisfarçável má vontade em relação a seu trabalho. Mas, não. “A lamentação do início, o motorista explica a Dilce: ‘a

ambulância não tem maca, os quatro pneus estão carecas. Não devia nem rodar.”

À falta de um aprofundamento das relações com essas outras fontes, podem emergir suposições, e novas ambiguidades. “As enfermeiras reclamam entre si admiradas por que Ana Vitória não teve dificuldades de encontrar o peito da mãe e succionar o leite. Agora estava com falta de ar. Ou só agora teriam percebido que ela não estava tão bem quanto parecia.” Suas intencionalidades se perdem apenas na constatação fria do dito, e não do sentido. “Na tentativa de consolo, a assistente social que dá a notícia pergunta se Dilce tem outros filhos. ‘Você é nova, pode tentar de novo.’ Depois, é o médico: ‘por pouco você não foi também, e seus filhos não perderam você’. Mas Dilce só consegue pensar que Ana Vitória morreu. Pior, morreu longe do colo da mãe.”

Mesmo com construções textuais que revelam outras formas de relacionamento com as fontes, ainda há espaços para o trabalho próximo ao paradigma clássico do jornalismo. Por coincidência, a fórmula ‘tradicional’ de relacionamento com a fonte se sobressai na terceira página da primeira reportagem, quando são apresentados os dados objetivos da situação. “Foi a nova fusão das ciências humanísticas com as ciências biológicas que permitiu aos profissionais da saúde enxergar o ‘corpo social’ das crianças pobres, desnutridas e doentes”, afirma Marilyn, atualmente professora da Universidade de Fortaleza (Unifor). A ‘doença de criança’ foi perdendo espaço”.

A proximidade do jornalista-narrador com a fonte, ou sua tentativa de proximidade, sobressai-se quando ele se coloca no mesmo tempo de relato da fonte, como que construindo uma cumplicidade quanto a situação vivida, mesmo em se tratando de um relato que evidencia fatos ocorridos anteriormente. “Os convites para o chá pedem fraldas, mamadeira, shampoo, banheira e saboneteira.” “Como o chá de fralda se dá no quarto mês de gestação – só mais 30 dias depois sabe que é uma menina (...).” “‘Deixo na mão de Deus’, desabafa o guiador, que agora puxa de 80 para 120 km por hora no carro que só teria condições de ficar parado.” Embora incorpore outros elementos, faz lembrar a tentativa clara do jornalismo impresso, dentro do paradigma clássico, de atualizar sua narrativa a partir da ‘presentificação’ dos tempos verbais.

Uma última observação, nesse aspecto, seria sobre o processo de construção verbal que incorpora a primeira pessoa à narrativa. Num primeiro momento, seria plausível pensar que a subjetivação da narrativa jornalística pudesse trazer a inserção da primeira pessoa do singular ao tempo verbal. Nesse caso, se poderia pensar na relação EU-TU na relação jornalista-narrador-fonte, que Medina (2014) defende. Mas o que acontece é a subjetivação da narrativa jornalística por meio da primeira pessoa do plural. O que poderia significar a mudança do esquema EU-TU para a relação NÓS-TU? “Investigamos e questionamos os tortuosos caminhos que, de alguma forma, contribuíram para as mortes.” A utilização do ‘NÓS’ ainda representaria uma defesa, pela diluição da responsabilidade do jornalista-narrador frente aos resultados alcançados pelo esforço de apuração? Uma defesa, inclusive, em relação às próprias fontes?

3.4 AS CONTRADIÇÕES COM O JORNALISMO CLÁSSICO?

Na caracterização que fizemos até agora da subjetivação da narrativa jornalística, em alguns momentos já evidenciamos seu distanciamento dos procedimentos e resultantes do paradigma clássico da produção jornalística. Nesse momento, gostaríamos de aprofundar um aspecto caracterizado como princípio fundamental do jornalismo, a precisão da informação, e que sofre reorientações quando da subjetivação da narrativa. Assim, quando o jornalista-narrador esclarecer que “Após cortar o sertão jaguaribano em ambulância sem maca, entre outras *ausências*, e ser recusada em duas cidades (...)” (grifo do autor deste artigo), pode suscitar algumas indagações. Que “ausências” teriam sido essas? Será que a precisão dessas ausências não poderia ter colaborado para uma compreensão mais clara do processo enfrentado pela mãe? Por que omiti-las?

Presente-se, em outras passagens, quão próximo pode ser o sacrifício da precisão da informação em razão de uma construção mais expressiva da realidade. “Naquela terra de Antônio Conselheiro, o *sertão virou mar de anjos*, sendo as cruces âncoras de vidas naufragadas”. (grifo do autor desse artigo) “Até duas décadas atrás, *milhares* de crianças eram sepultadas no Sertão antes dos sete anos de idade. A diarreia deixava os meninos só ‘couro e osso’. Hoje, *a maior parte* das mortes se dá até uma semana após o parto.” (grifos do autor desse artigo) Ou mesmo a necessidade de aprofundamento da informação. “Nos seis meses anteriores à morte de Vitória, a Prefeitura de Jaguaretama pagou R\$ 1,6 milhões com locação de veículos. E outros R\$ 3,5 mil com o conserto de ambulâncias, de acordo com o Tribunal de Contas dos Municípios (TCM).”

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ‘PARCIAIS’

Somos todos jornalistas?! Para colaborar com a ideia de que a nomeação de papéis é algo tenso e fugidio, complemento com algumas outras ideias essa narrativa analítica sobre como nos comportamos enquanto jornalistas-narradores.

Importante lembrar que outras observações sobre os novos processos de produção da narrativa jornalística certamente estão relacionadas aos procedimentos de apuração das matérias. Por exemplo, a relação EU-TU, sinalizada por Medina (2014), será muito melhor qualificada se analisarmos a aproximação havida entre jornalista e fonte no processo de produção do conteúdo jornalístico. Então, o conhecimento do contexto de produção da matéria jornalística, seus procedimentos de apuração, os passos seguidos, os meios utilizados, as estratégias definidas podem fornecer diversos elementos na perspectiva dessa análise. E por que não falar nos processos posteriores, na continuidade da relação entre jornalista e fonte mesmo depois do material ter sido produzido e veiculado? E na negociação com a empresa jornalística, para veiculação do material?

Quando Medina (2014) traz a ideia de coautoria na narrativa jornalística, é importante qualificar a significação desse encontro.

Cada encontro com o Outro é um aprendizado, uma leitura surpreendente do mundo que nos cerca. Mas também quem depara com esse leitor cultural que sente, observa e escuta se abre

à autodescoberta, porque se entrega por inteiro, sem a máscara declaratória da tradicional fonte de informação. Realiza-se o ato dialógico. A experiência de vida substitui a encenação jornalística e o caos da condição humana se organiza numa narrativa de coautoria. (MEDINA, 2014, p. 77).

Mas resta saber se as narrativas jornalísticas subjetivadas vão além do subjetivismo. Ou, se vão para além, à intersubjetividade, que aproxima as subjetividades de ‘repórter’ e ‘fonte’, e se, ao longo das produções, não vão cristalizando personagens e esquecendo-se do encantamento de cada encontro inicial. Ou até que ponto a coautoria esbarra na cosmovisão do narrador-jornalista, que “recodifica o real imediato. Ao trabalhar na decifração-cifração do real, o jornalista (ou o comunicador) se expressa no âmbito de sua cosmovisão” (MEDINA, 2014: p. 115). Quais as dinâmicas possíveis, na produção da narrativa jornalística, do percurso performativo entre o objetivismo e o subjetivismo?

Esse conjunto de percepções aponta, mais uma vez, para a necessidade de um aprofundamento no que diz respeito à relação entre jornalistas e fontes. Como essa relação é transposta à narrativa jornalística? Como esses ‘personagens’ estabelecem o diálogo com o jornalista-narrador? E, mesmo, como essas fontes-personagens estabelecem um diálogo entre si? É possível mesmo nomeá-los personagens de uma narrativa? Ou, ainda, com a crescente subjetivação da narrativa jornalística, como essa narrativa tende a se aproximar das construções próprias da narrativa ficcional? Nesse caso, as especificidades das funções dos personagens, na literatura ficcional, podem se transformar em referenciais a serem estudados na narrativa jornalística?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.

JÚNIOR, Melquíades. Parto dos Anjos. **Jornal Diário do Nordeste**. Regional Especial. Fortaleza, 26 a 28 de novembro de 2014. Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/luz-e-dor-no-sertao-1.1159375>. Acesso em 06/06/2016.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. Disponível em <file:///C:/Users/usuario/Downloads/JAQUELINELEMOSESMARTINS.pdf>.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Atravessagem** – Reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas (SP): Papyrus, 1998.

PATRÍCIO, Edgard; BATISTA, Raphaelle. **Elementos de identidade jornalística em autonarrativas de grupos de produção de jornalismo independente em plataformas digitais.** Trabalho apresentado no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado de 8 a 10 de novembro de 2017 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em <https://sbpjour15.wixsite.com/sbpjour/copy-of-inscricao-1>.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso.** CopyMarket.com, 2001.

SALGADO, Ronaldo. **A crônica reporteira de João do Rio.** Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade UFC / UECE e Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2006.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.